

LIBRAS E LINGUAGEM MATEMÁTICA: PARTICULARIDADES AFINS PARA UM NOVO ESTUDO INCLUSIVO

Cleusiane Vieira Silva UESB E-mail: cleusiane@bol.com.br.
Fernando dos Santos Silva UESB. E-mail: fermath@uesb.br
Cleuzilaine Vieira da Silva UNIPAM E-mail: cleuzilaine@yahoo.com.br

Resumo: Buscando uma nova abordagem sobre o estudo inclusivo, este trabalho propõe compreender o uso da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), aplicado ao ensino de matemática para alunos com necessidades auditivas específicas. Será analisado o entendimento do português como fonte de alfabetização e letramento matemático. Além disso, os principais aspectos lingüísticos na decodificação dos códigos da língua portuguesa e dos símbolos matemáticos serão de grande importância na discussão do ensino inclusivo dos deficientes auditivos em escolas regulares.

Palavras chaves: Surdos, Comunicação Social, LIBRAS, Matemática.

INTRODUÇÃO

Entendendo a necessidade lingüística para o raciocínio lógico-matemático, este trabalho tem como objetivo principal uma discussão acerca do uso da linguagem como meio não só de comunicação, mas também como princípio básico para a alfabetização e o letramento matemático através da leitura orofacial por alunos surdos.

No entanto, é importante situar os níveis de surdez e a contextualização cultural das comunidades surdas. Baseando nas lições do Dr. J. M. Tato e na classificação da “the children’s society” (apud Dória, 1958, p.8) tem-se a seguinte classificação de perda auditiva:

Perdas Auditivas dbs (decibéis)	Conceito
0 a 20 dbs	Pequena perda auditiva que começa a ser notada confundindo-se com a audição normal.
20 a 40 dbs	Dificuldade de audição
40 a 70 dbs	Audição parcial ou parcialmente surdo
70 a 100 dbs	Surdez profunda ou profundamente surdo

Para cada modalidade de perda auditiva, há também uma classificação dos surdos quanto à dependência da linguagem, por exemplo: o surdo LIBRAS ou pré-lingual é aquele que apresenta surdez profunda (70 a 100 db) e não aprendeu leitura labial, se comunicando, apenas através da LIBRAS. Já surdo oralizado, não depende da LIBRAS para se comunicar, geralmente é parcialmente surdo ou tem dificuldade de audição (20 a 40 db ou 40 a 70 db) e se comunica oralmente. O surdo bilíngüe, utiliza-se da LIBRAS e da leitura labial para comunicar. Por conseguinte, o surdo pós-labial, pessoas que ouviram durante um bom tempo e depois por algum motivo tiveram perda da audição, estes também não dependem da LIBRAS para se comunicar.

SACKS (1990, p.24) ressalta que, a composição da linguagem vai muito além da perda auditiva. Por isso explicita que, um fator importante para aquisição da linguagem é o estágio em que a surdez ocorre, e dá os seguintes termos para surdez congênita:

O surdo pré-lingual, incapaz de ouvir os pais, corre o risco de ficar consideravelmente retardado, se não mesmo permanentemente deficiente, em sua apreensão da linguagem a menos que sejam tomadas providências imediatas e eficazes. E ser deficiente na linguagem para um ser humano, é uma das mais desesperadas calamidades, pois é somente através da língua que ingressamos plenamente em nossa condição e cultura humana, comunicamos-nos com nossos semelhantes, adquirimos e partilhamos informações.

Sabe-se que, na idade média, a pessoa com deficiência era sacrificada no nascimento, depois passou a ser internada em asilos para sua proteção. Em função da sua "anormalidade" era considerada incapaz de se desenvolver. Além disso, os pais entendiam que se a criança não falasse, conseqüentemente também tinha a parte mental comprometida. Todavia, eram inexistentes escolas especializadas ou núcleos de formação para entender a deficiência. Então, alguns educadores ("professores particulares") interessaram em se tornarem preceptores daí o aparecimento sobre este assunto. Porém, as crianças que recebiam esse tipo de educação, eram filhos de pessoas que tinham uma situação econômico-financeira viável. Embora este método tenha começado com aqueles que tinham boas condições financeiras, obteve-se um resultado favorável e vale dizer que os primeiros métodos começaram apenas com as crianças surdas.

A LIBRAS (LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS)

A necessidade da comunidade surda em se expressar vai muito além da busca por compreensão da língua, fazer parte do silêncio dos surdos é se manifestar na forma cultural e diversa da sua identidade na sociedade ouvinte. A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é um diferencial na identificação dos surdos, embora a expressão facial e corporal que acompanham os sinais, sejam também partes importantes na composição da cultura dos surdos. Para maior esclarecimento sobre o surgimento da LIBRAS, (MENEZES, 2006) afirma que:

O Brasil ainda era uma colônia portuguesa governada pelo imperador Pedro II quando a língua de sinais para surdos aportou no país, mais precisamente no Rio de Janeiro. Em 1856, o conde francês Ernest Huet desembarcou na capital fluminense com o alfabeto manual francês e alguns sinais. O material trazido pelo conde, que era surdo, deu origem à Língua Brasileira de Sinais (Libras). O primeiro órgão no Brasil a desenvolver trabalhos com surdos e mudos surgiu em 1857. Foi do então Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que saíram os principais divulgadores da Libras. A iconografia dos sinais - ou seja, a criação dos símbolos - só foi apresentada em 1873, pelo aluno surdo Flausino José da Gama. Ela é o resultado da mistura da Língua de Sinais Francesa com a Língua de Sinais Brasileira antiga, já usada pelos surdos das várias regiões do Brasil.

Mesmo com língua própria, os surdos ainda sofrem com a diversidade e principalmente, a sobreposição da língua oral como majoritária. Infelizmente a concepção dos ouvintes do surdo como incapaz de opinar e de tomar decisões sobre seus próprios assuntos. O papel da língua de sinais na educação regular, é um fator relevante na vivência social dos surdos. Entretanto, o desafio de inclusão na sociedade estudantil tem se tornado algo efetivo, com oficialização da lei LIBRAS em abril de 2002 (Lei n.10.436, de 24 abril de 2002) que diz no artigo 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” e ainda define no parágrafo único:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

O decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 regulamenta esta lei e estabelece a LIBRAS como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores. A

importância deste decreto está no número de professores que desconhecem ou não se consideram com habilidades adequadas para o uso desta língua. As justificativas são diversas, entre elas, a inexistência de um curso de LIBRAS em algumas localidades dos estados, ou a falta de coordenação motora na configuração (posição) dos sinais. Todavia, os deficientes auditivos, também são penalizados com essa falta de adequação dos educadores, a expressão real disso, é o fracasso de muitos alunos na tentativa de leitura labial, a incompreensão e falta de interpretação de textos de modo geral, a dificuldade na escrita do português e, por conseqüência, a evasão escolar.

Por esse motivo, a necessidade da LIBRAS não está associada somente ao contexto da língua portuguesa mais sim a todas as áreas da educação, inclusive a matemática que de maneira geral é de extrema importância para o desenvolvimento sócio-cognitivo.

LIBRAS COMO AUXÍLIO NA MATEMÁTICA

A matemática ciência exata, que segundo RABELO (2002, p.17) é um objeto sócio-cultural de conhecimento resultante da evolução do homem, um objeto com formas que cumpri várias funções sociais, é também foco de discussão na inclusão de surdos em escolas regulares.

A metodologia de matemática utilizada no ensino dos surdos, não modifica muito da que se usa com os alunos ouvintes, embora a linguagem seja diferente, os métodos aplicados às séries iniciais são os mesmos, principalmente o uso de recursos ilustrativos como figuras, e o letramento dos alunos para entendimento dos problemas. Via de regra, para os alunos surdos o professor necessita trabalhar a leitura com mais persistência, uma vez que para isso, não deve formar copistas e a dificuldade do aluno surdo é a decodificação do código lingüístico. Assim, mais uma vez, a questão comunicativa está presente na elocução dos fatos que compõem a função social dos surdos. Apesar deste detalhe, ainda há possibilidade de se chegar até o raciocínio lógico-matemático dos surdos, com pequenas adaptações como o uso de uma língua (a LIBRAS) que serve como ponte entre conhecimento do professor ouvinte e o silêncio dos surdos, dentre as vantagens está à mudança na concepção dos próprios surdos sobre a sua capacidade.

O letramento e a alfabetização são pontos base para o início do entendimento de questões matemáticas. O professor, com auxílio de recursos didáticos adequados pode motivar seus alunos a ser tornarem bons escritores e leitores mais isso exige dedicação e

comprometimento. Em fontes fornecidas pelas associações de surdos de Minas Gerais, está a idéia de que os maiores problemas são as palavras desconhecidas, o português é o primeiro grande desafio para o aprendizado tanto da matemática, quanto das outras disciplinas. Logo depois, está a incompreensão da língua oral que o professor utiliza dentro da sala de aula, essa faz com que percam totalmente a motivação pela aprendizagem e conhecimento. RABELO (2002, p.24) salienta que;

Se a escola deseja formar bons leitores e “escritores”, é preciso que ela proporcione ao aluno um ambiente que poder-se-ia chamar, não apenas de alfabetizador, mas de “letrador”, transformando-se essa atitude unilateral de ensinar alguma coisa a alguém. Seria o ambiente através do qual a criança pudesse tornar-se um indivíduo “letrado”, isto é, um ambiente onde, efetivamente, ela construíse sua competência, na leitura, interpretação e produção de todos os tipos de textos das diversas áreas do conhecimento humano, sejam eles textos literários, científicos, jornalísticos, matemáticos, etc.

Com o auxílio da LIBRAS e uma metodologia de trabalho, o professor, seria capaz de entender a dificuldade do aluno e, surgiria assim a possibilidade de solução dos problemas relacionados ao raciocínio de questões matemáticas. Outra situação, que pode ser deparada por professores ouvintes é o caso de alunos surdos que estão em fases iniciais e não sabem a LIBRAS. Os alunos surdos filhos de pais ouvintes, geralmente não tem acesso a língua de sinais pois os pais insistem na aquisição da língua oral, e o professor poderia utilizar neste caso para ensinar matemática, a língua oral ou a língua de sinais, é claro com a autorização dos pais, uma vez que, a LIBRAS é a língua espaço – visual mais adequada para a comunicação dos surdos. Existe a necessidade de que os pais tenham acesso a LIBRAS, já que teriam que conviver com o filho falando uma língua diferente em casa. Muitos professores contam com os alunos que fazem leitura labial (ler os lábios do ouvinte apenas pelo movimento destes na pronúncia das palavras). O que surpreende estes professores é que, pais surdos com filhos surdos, não ensinam seus filhos leitura labial e sim a LIBRAS. Em todo caso, o conhecimento da LIBRAS pelo professor de matemática ou um interprete na sala de aula só ajudaria na interpretação, compreensão e resolução de problemas matemáticos.

Na construção do conhecimento a linguagem exerce um papel importante, HUMBOLT (abud Jäger, 2005) na sua concepção cognitivista, revela que a língua é o órgão constitutivo do pensamento. Em se tratando de textos matemáticos, a interpretação pode ocasionar não só o conhecimento, mais também, ultrapassar as barreiras que impedem o raciocínio lógico matemático. LURIA (1990, p.23) salienta que:

Na criança em desenvolvimento, as primeiras relações sociais e as primeiras exposições a um sistema lingüístico (de significado especial) determinam as formas de sua atividade mental. Todos esses fatores ambientais são decisivos para o desenvolvimento sócio-histórico da consciência.(...) Assim são criados novos problemas, novos modos de comportamento, novos métodos de captar informações e novos sistemas de refletir a realidade.

Sabendo que a língua de sinais tem uma estrutura própria e diversificada do português, o uso de comunicação total, bilingüismo e até mesmo o português sinalizado, podem também ser alternativas para a alfabetização e construção do conhecimento. É importante salientar que, a pretensão deste estudo é demonstrar a inclusão dos alunos com deficiência específica de surdez no ensino regular, utilizando instrumentos que seja de valia para que, além da comunicação, o professor alcance o raciocínio do aluno.

Utilizando-se de textos matemáticos, o professor pode trabalhar a contação de histórias para despertar a atenção do aluno e, por conseguinte, permitir que o próprio aluno invente a sua “história matemática” aplicando o seu conhecimento ao conteúdo trabalhado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante séculos os surdos têm lutado por um relacionamento de igualdade em termos de educação principalmente em escolas regulares, a classificação dos surdos como excepcionais e incapazes, tem mitificado uma ignorância inexistente por parte dos próprios surdos e provocado discussões na pesquisa científica, a respeito da inclusão. Contudo, muito se tem conseguido em prol da inclusão dos surdos na sociedade ouvinte, nunca os projetos sobre inclusão foram tão solicitados como agora, em busca de uma solução para a questão dos surdos no meio acadêmico e social.

É interessante enfatizar que os surdos têm lutado por compreensão dos seus direitos, enquanto parte da sociedade. Métodos de adequação, princípios de igualdade são valores que devem ser trabalhados em sala de aula, e mais precisamente com os professores, pois é através deles que o aluno se sente integrado, e verdadeiramente incluso. O estudo em questão buscou abordar os alunos surdos não como deficientes mas, pessoas que se comunicam de forma diferente, e têm uma expressão própria, a cultura surda. Portanto, incluir não requer somente permitir por lei que crianças com necessidades especiais, freqüentem escolas regulares, mas dar aos profissionais da educação, condições para trabalhar de forma coerente e pedagógica, com um método realmente inclusivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DÓRIA, Ana Rímoli de Faria . **Ensino oro – áudio - visual para os deficientes da audição**. 1ed.Rio de Janeiro: MEC, 1958. 104 p.
- JÄGER, Ludwing. Viver mente & Cérebro: **A palavra cria o mundo**. Edição Especial. agosto/2005, n151.v.13.p.49.
- LEGISLAÇÃO DE LIBRAS. **Linguagem Brasileira de Sinais**. Disponível em: www.libras.org.br/leilibras.htm. Acesso: 11/09/2007
- LURIA, Alexandre Romanovich. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais sociais. São Paulo: Icone, 1990. 223 p.
- MENEZES, Ebenezer Takuno de. SANTOS, Thais Helena dos.”LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)” (Verbete) . **Dicionário Interativo da Educação Brasileira**. Educa Brasil. São Paulo: Midiamix Editora
- RABELO, Edmar Henrique.**Textos Matemáticos**: produção, interpretação e resolução de problemas.4.ed. ver. E ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- SACKS, Oliver. **Vendo Vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. trad. Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 1990.205p.